

2021
15-21 nov

25ª EBO

ESCOLA BÍBLICA
DE — OBREIROS

Jundiaí · www.adjundiai.org.br


Assembleia de
DEUS
JUNDIAÍ • SP
www.adjundiai.org.br

IGREJA

Assembleia de Deus Jundiá

DIRETORIA**Presidente**

Pr. Esequias Soares da Silva

Vice-Presidente

Pr. Elizeu Ferreira do Carmo

1º Secretário

Pr. Misael Severino da Silva

2º Secretário

Pr. Filipe Soares da Silva

1º Tesoureiro

Dc. Rubens Queiroz

2º Tesoureiro

Cp. José Fernando Gomes Lopes

25ª EBO JUNDIAÍ**Supervisão Geral**

Pr. Esequias Soares da Silva

Coordenação

Pr. Filipe Soares da Silva

Revisão Gramatical

Daniele Soares da Silva

Projeto gráfico e direção de arte

Isabeli Cucharó

PALAVRA DO PASTOR

Agradecemos a Deus por mais uma Escola Bíblica de Obreiros (EBO) em Jundiaí. A experiência com esses meses de pandemia não nos desanimou e em 2021 celebramos 25 anos de história deste evento. Tendo como tema “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15), por mais de duas décadas temos aprendido e crescido no conhecimento do nosso Deus com diversos preletores de diferentes lugares do Brasil e do mundo.

Louvamos a Deus pela vida de cada irmão e irmã envolvidos na EBO. A participação de cada um é importante, seja como ouvinte, equipe colaboradora ou preletor, acompanhando presencialmente no templo ou pela internet. Neste ano, estudaremos sobre a origem do mal, a modernidade e pós-modernidade, os três fogos que aperfeiçoam o crente, o ensino na Escola Bíblica Dominical e o Espírito Santo nos escritos de Lucas.

Deus nos trouxe até aqui e continuará nos conduzindo até a volta de nosso Senhor Jesus Cristo. Que os estudos bíblicos sejam grande bênção nas nossas vidas. Assim, aproveite esta semana para aprender mais sobre a Palavra de Deus. Conhecendo melhor as Escrituras Sagradas, podemos entender melhor a nossa fé. Isso nos permite servir a Deus, amar o próximo e anunciar a mensagem de salvação.

Que Deus abençoe a cada um em nome de Jesus!

Pr. Esequias Soares
Presidente da AD Jundiaí

Jundiaí, 15 de novembro de 2021

PRELETORES



**Pr. Wellington
Costa Júnior**
Presidente CGADB
Guarulhos/SP



**Pr. Esequias
Soares**
Presidente
AD Jundiaí



**Pr. José
Orisvaldo Nunes**
Presidente
AD Alagoas
Maceió/AL



**Pr. Alexandre
Coelho**
Gerente de
Publicações CPAD
Rio de Janeiro/SP



**Pr. Eliseu
Dieb Araújo**
Jundiaí/SP



**Pr. Welbr
dos Santos**
Elizabeth/NJ
EUA



**Gutierres
Siqueira**
São Paulo/SP

14 nov | Domingo

18h00 às 20h00
Culto de abertura
Participação Especial:
Coral de Obreiros

15 nov | Segunda

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

16 nov | Terça

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

17 nov | Quarta

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

18 nov | Quinta

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

19 nov | Sexta

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

20 nov | Sábado

19h00 às 19h15 **Oração**
19h15 às 19h30 **Louvor**
19h30 às 20h30 **Primeiro estudo**
20h30 às 20h45 **Avisos e louvor**
(contribuição)
20h45 às 21h45 **Segundo estudo**
21h50 **Encerramento**

21 nov | Domingo

09h00 às 09h15 **Oração**
09h15 às 09h30 **Louvor**
09h30 às 10h30 **Estudo**
10h30 às 10h40 **Avisos e louvor**
(contribuição)
10h40 às 11h30 **Separação de**
obreiros
12h05 **Encerramento**

Segunda
Pr. Esequias Soares



Quinta e Sexta
Pr. José
Orisvaldo Nunes



Terça e Quarta
Pr. Alexandre Coelho



Segunda
Gutierrez Siqueira



Sábado
Pr. Welbr dos Santos



Sábado
Pr. Eliseu Dieb Araújo





A ORIGEM DO MAL

Pr. Esequias Soares

A ORIGEM DO MAL

Eu formo a luz e crio as trevas;
eu faço a paz e crio o mal; eu sou
SENHOR, faço todas essas coisas
(Is 45.7 – ARA).

era impossível a coexistência das três afirmações:

- a) Deus é todo-poderoso.
- b) Deus é bom.
- c) O mal existe.

INTRODUÇÃO

A presença do mal moral no mundo tem preocupado ao longo do tempo filósofos e teólogos. Mal é “o poder que causa sofrimento e destruição”, pode ser classificado como natural, que é causado pela natureza, ou moral, que é causado por pessoas ou estruturas. A maioria dos ateus usa essa questão para fundamentar a sua tese de que Deus não existe, e há teólogos a favor da ideia de que Deus cria o mal, pois eles pensam que é isso que Isaías 45.7 está dizendo.

A TEODICEIA

O problema da existência do mal é assunto que interessa a teologia. A teodiceia lida com a pergunta: por que existe o mal se Deus é bom?, é a tentativa de justificar Deus por permitir o mal no mundo. O termo foi empregado pela primeira vez pelo filósofo alemão Leibniz em 1710 para refutar quem afirmava que a existência do mal é uma prova de que Deus não existe. A palavra “teodiceia” vem de dois termos gregos, *theós*, “Deus”; e, *dikē*, “justiça”, que indica a vindicação da justiça diante a existência do mal.

Embora o termo seja do século 18, a ideia por detrás da teodiceia é muito antiga. No século 4 antes de Cristo, Epicuro, o filósofo grego, afirmou que

No século 18, David Hume resgatou o argumento epicureu com a seguinte declaração: “Deus deseja impedir o mal, mas não é capaz disso? Então, ele é impotente. É Deus capaz, mas não deseja fazê-lo? Então, Deus é maligno. Deus é capaz e deseja impedir o mal? De onde, então, vem o mal?” Diante desse questionamento sobre o mal, então, Leibniz propôs o projeto “teodiceia” para lidar com o problema.

Alvin Plantinga discute filosoficamente o tema em seu livro *Deus, a liberdade e o mal*, embora reconhecendo o problema como insolúvel, deixa claro com argumentos teleológicos, ontológicos e cosmológicos bem fundamentados que a existência do mal não é incompatível com a existência de Deus. Na conclusão dele, inspirada em Agostinho e Calvino, o que originou o mal foi o uso inadequado do livre arbítrio: “E aconteceu, infelizmente, que algumas das criaturas livres que Deus criou erraram no exercício da sua liberdade; essa é a fonte do mal moral”.¹ Mas isso ainda deixa algumas pontas soltas, apesar de isso não depor contra a onipotência de Deus, no entanto, não esclarece tudo.

C. S. Lewis também desenvolve o assunto em *Cristianismo puro e simples*. Explica que o mal não pode ser definido se não houver o bem. Assim, deve existir uma realidade externa e objetiva que

¹ PLANTINGA, Alvim. *Deus, a liberdade e o mal*. São Paulo: Vida Nova, p. 47.

sirva para medir o bem e o mal. Essa realidade, então, é Deus. A Bíblia nos diz que essa realidade é Deus, que é amor, santo, justo, e tudo o que se opõe a essas características é mau.

William Lane Craig em seu livro ***A razão da nossa fé: Respostas a perguntas difíceis sobre Deus – o Cristianismo e a Bíblia***, responde a uma carta de alguém que se apresenta como ex-cristão e usa a existência mal com muitos exemplos, citando o sofrimento e morte de sua irmã, o ditador Hitler, e outros, concluindo que não faz sentido afirmar que Deus existe. Craig responde com muita propriedade a cada ponto do questionamento do referido ex-cristão desfazendo todos os argumentos dele e dos demais ateus.²

Segundo a Bíblia, Deus é onipotente; Deus é totalmente bom; o mal existe. A teodiceia é uma explicação não conclusiva, pois Deus não é a origem do mal, portanto não há o que justificar. Os teólogos estão divididos, alguns precisam refazer uma das premissas “Deus é onipotente; Deus é totalmente bom; o mal existe”. A opção da maioria deles é reavaliar o conceito da onipotência divina, de maneira a modificar a primeira premissa que fala da onipotência divina.

Havia muitas especulações sobre a onipotência de Deus desde a Idade Média. Anselmo de Cantuária, Tomás de Aquino, Guilherme de Occam e Duns Scotus criaram contradições lógicas imaginárias como Deus poderia criar círculo quadrado, triângulo redondo, água seca ou uma pedra tão pesada que Deus mesmo não poderia levantar. O teísmo aberto ensina que a onipotência de Deus é limitada, um deles chegou a dizer que Ele não foi capaz de impedir o tsunami de 2004 na Indonésia que ceifou a vida de 230 mil pessoas. Desse modo, esses teólogos aparentemente teriam uma explicação para a existência do mal. Quanto às especulações dos citados

² CRAIG, William Lane. ***A razão da nossa fé: Respostas a perguntas difíceis sobre Deus – o Cristianismo e a Bíblia***. São Paulo: Vida Nova, pp.308-314.

teólogos da Idade Média, cabe ressaltar que “onipotência”, no âmbito teológico, como atributo divino, indica poder ilimitado de Deus *ad extra*, “externo”, ou seja, “a *omnipotentia Dei* está limitada somente pela essência ou natureza do próprio Deus e por nada externo a Deus”.³ Esse conceito responde a essas especulações ou objeções de que Deus não seria capaz de algo.

ANALISANDO ISAÍAS 45.7

Os teólogos que usam a teodiceia partem da ideia de que Deus criou o mal interpretando inadequadamente Isaías 45.7. O problema é que a passagem não está falando do mal moral, o verso está contrapondo o mal à paz. O profeta emprega um dos paralelismos poéticos, o antitético, que consiste em marcar um profundo contraste com a ideia principal; há diversos exemplos nos livros nos livros poéticos e sapienciais do Antigo Testamento:

“Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,
mas o caminho dos ímpios perecerá”
(SI 1.6).

“de madrugada, viceja e floresce;
à tarde, murcha e seca” (SI 90.6).

“Porque odiaram o conhecimento
e não preferiram o temor do SENHOR”
(Pv 1.29).

O profeta Isaías empregou essa mesma estrutura poética quando escreveu “Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu sou SENHOR, faço todas essas coisas” (Is 45.7 – ARA). Além disso, a palavra hebraica para “mal” é *ra'* e apresenta vasto significado no Antigo Testamento. O termo aparece com o sentido moral absoluto (Gn 2.9; 1 Rs 3.9), mas também para indicar circunstâncias desfavoráveis (Gn 41.20;

³ MULLER, Richard A. ***Dictionary of Latin and Greek Theological Terms***. Grand Rapids, MI, USA: Baker Book House, 1993, p. 208.

2 Rs 14.10). Veja que a NAA traduz *ra'* por “conflitos”, assim: “promovo a paz e crio os conflitos”. O “mal”, em Isaías, nessa passagem contrapõe “a paz”, está falando acerca do castigo por causa da desobediência do povo.

CONCLUSÃO

Embora a origem do mal seja uma questão muito antiga, não há resposta definitiva para ela. O que podemos afirmar com certeza é que Deus não criou o mal. Algumas tentativas de teodiceia, no entanto, infelizmente perdem o propósito e acabam justificando o mal e não Deus. Existem diversas explicações filosóficas e teológicas que logicamente demonstram a existência de Deus, mostrando que a existência do mal não implica a inexistência de Deus.

ESEQUIAS SOARES é pastor da Assembleia de Deus de Jundiaí-SP. É graduado em Hebraico pela Universidade de São Paulo e Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Comentarista de Lições Bíblicas da Escola Dominical, autor de diversos livros.



O MODERNISMO/ PROGRESSISMO

Pr. José Orisvaldo Nunes de Lima

O MODERNISMO/ PROGRESSISMO

Todos nós andávamos
desgarrados como ovelhas;
cada um se desviava
pelo seu próprio caminho,
mas o Senhor fez cair sobre ele
a iniquidade de todos nós (Is 53.6).

Eu sei, ó Senhor,
que não cabe ao ser humano
determinar o seu caminho,
nem cabe ao que anda
dirigir os seus passos (Jr 10.23).

Assim diz o Senhor:
“Ponham-se à beira dos caminhos
e olhem;
perguntem pelas veredas antigas,
qual é o bom caminho;
andem por ele e vocês acharão
descanso para a sua alma.
Mas eles dizem:
‘Não andaremos nele.’ (Jr 6.16).

INTRODUÇÃO

O modernismo, que ao longo dos anos evoluiu para o progressismo, tem sido o pior veneno que Satanás tem usado para afastar a humanidade de Deus e fazer os crentes apostatarem da fé. O mesmo não é tão moderno (recente) como se pensa, mas um longo processo, bem projetado pelo Diabo e seus asseclas, e que, nestes últimos dias, tem tomado impulso, à medida que a vinda do Senhor se aproxima e o tempo está curto para o maligno.

I. A PRÉ-MODERNIDADE/ MODERNIDADE/ PÓS- MODERNIDADE

1. A **pré-modernidade** abrange um período de cerca de mil anos, com o fim da Idade Antiga e início da Idade Média até o seu final no século XV com a queda da Constantinopla pelos turcos. Até então a voz da igreja era absoluta e incontestável.

2. Muitos sábios de Bizâncio fugiram para Europa trazendo os clássicos da antiguidade e provocaram o chamado Renascimento com a língua e cultura em geral do velho mundo greco-romano, e assim foi instaurada a base do que chamamos de modernidade.

3. Nos séculos subsequentes, os chamados filósofos iluministas (assim se chamaram porque diziam que o tempo da Idade Média foi de trevas e obscuridade) trouxeram um novo conceito de ver a vida, dizendo-se libertos das amarras da religião, surgindo assim o modernismo propriamente dito, que chega ao cume no século XX.

4. Por fim, desde meados do século XX até agora, estabeleceu-se a pós-modernidade ou modernidade líquida.

II. EM QUAIS PRESSUPOSTOS SE BASEIA O MODERNISMO?

1. No Agnosticismo. Este nega que possamos conhecer a verdade objetiva como ela é. Agnosticismo é uma palavra grega que significa “não conhecer”.

a) Nega que possamos conhecer as coisas exteriores a nós, mas só a que estão em nós.

b) Partindo desse pressuposto, não podemos conhecer a Deus.

c) Deste modo não podemos saber se Deus se revela aos homens dizendo coisas a crer ou a fazer, e não se pode conhecer essa revelação exterior ao homem.

d) Defende que o ser humano não pode ter acesso a Deus.

e) Se Deus existe, não pode se revelar ao homem e este não pode saber se Deus existe.

f) Esse modernismo não é tão moderno assim, iniciou-se no Éden e, tempos depois, por Emanuel Kant chegou a nós.

g) Assim o agnosticismo fecha o homem em si mesmo, em seus próprios ideais.

h) Desse modo só tem valor o que sai de si mesmo (relativismo).

i) Passa a ser verdade, o que sai de si mesmo.

2. Na Imanência. Vem do latim *im*, “em”, e *manēre*, “habitar, permanecer dentro”. Com isso os modernistas defendem que tudo só pode vir de dentro do próprio homem e nada pode vir de fora. Assim a transcendência é descartada.

a) Desse modo, o modernista não vê a religião como algo transcendente, de fora para o homem, revelada por Deus, mas, para ele, as religiões provêm de um sentimento profundo que está dentro do próprio homem.

b) A religião nada seria, se não o aflorar desses sentimentos imanentes em si mesmos.

c) Assim sendo, a religião baseada na revelação Divina, dada a Moisés, aos profetas, aos apóstolos e principalmente por nosso Senhor Jesus Cristo, para eles não tem sentido.

d) Nesse caso, a doutrina cristã nada mais seria do que uma invenção

dos homens para satisfazer esse sentimento religioso.

e) Como o sentimento muda, como muda o tempo e, é algo inconsistente, é preciso também mudar os dogmas e as doutrinas para se adequar aos novos tempos.

f) Vejamos o que esse pensamento modernista tem causado nas igrejas:

f.1 A mudança no conceito da indissolubilidade do casamento.

f.2 A mudança do conceito da família como Deus estabeleceu no princípio macho + fêmea = filhos.

f.2.1 Nos Estados Unidos, recentemente duas crianças foram adotadas e registrou-se com o nome de três pais.

f.3 Mudanças nos dogmas antes inegociáveis:

f.3.1 A criação tal como revelada no Gênesis.

f.3.2 Salvação para os que creem e condenação para os impenitentes.

f.3.3 A crença que as Escrituras são plenariamente inspiradas.

f.3.4 A crença de que Cristo é o único caminho a Deus.

3. No Humanismo

a) Põem-se os direitos do homem acima dos direitos de Deus.

b) O teocentrismo cede ao antropocentrismo.

c) O homem passa a ser o centro do interesse.

d) Em sentido amplo, o humanismo significa “valorizar o ser humano e a condição humana acima de tudo. Estão relacionados com generosidade, compaixão e preocupação em valorizar os atributos e realizações humanas”.

e) Procura-se o melhor dos seres humanos sem se servir de religião, oferecendo novas formas de reflexão sobre as artes, as ciências e a política, bem como a cultura de um modo geral.

f) O homem, e não Deus, é o centro do universo.

g) Luta-se pela quebra dos dogmas.
h) Valorizam-se os debates e as opiniões divergentes (até que tomem o fôlego dos que construíram a história), depois o debate não existirá mais e só os humanistas falarão.

i) Valoriza-se o racionalismo e o método científico.

j) O humanismo laico é uma corrente filosófica que enaltece a justiça social, a razão humana e a ética.

k) Como seguidores do naturalismo, os humanistas declaradamente seculares, normalmente são agnósticos ou ateus e assim, o sobrenatural é descartado.

k.1 Daí vem o liberalismo teológico que matou espiritualmente a maioria das igrejas na Europa e mundo a fora.

l) A psicologia humanista na segunda metade do século 20 e de forma mais contundente nas décadas de 60 e 70 constitui-se em um ramo da psicologia mais concretamente é a “psicoterapia”.

c) O marido não governa mais o lar.
d) O professor não tem mais autoridade sobre o aluno.

e) O ministro religioso é igual aos fiéis.

6. Vejamos os sinais do modernismo:

a) As famílias transformaram-se em tragédias.

b) Os ministros religiosos não se portam, nem se vestem como tais, o púlpito desaparece, a banda está acima do ministro e a pregação incisiva passa a ser uma mera palestra.

c) O professor perdeu a cátedra, senta no chão com os alunos e estes são quem lhe ensinam, afinal, não é mais professor, mas apenas “facilitador”.

d) Não existe mais distinção de sexo; homens são achados nas grandes cidades de saias, e as mulheres vestidas de homens.

e) Homens estão usando os trajes peculiares até então às mulheres e são chamados “metrossexuais”.

III. SITUAÇÃO DA SOCIEDADE EM GERAL E ESPECIALMENTE DOS CRISTÃOS QUE, SEM NEM SABER, TORNARAM-SE MODERNISTAS PROGRESSISTAS.

1. A religião pode ser produzida por qualquer um.

2. O relativismo impera e o que importa é “sentir-se bem”.

3. Se a religião contraria meus anelos, eu me mudo para a que abrir na esquina como se fosse uma mudança de clube.

4. Assim, a religião, que antes era para o homem satisfazer a Deus, passa a ser para satisfazer ao homem.

5. O modernismo não aceita hierarquia, pois produziu o tripé (que não deu certo) da Revolução Francesa igualdade, fraternidade e liberdade.

a) Os pais não são autoridade sobre os filhos.

b) O patrão não é autoridade sobre o funcionário.

IV. O PÓS-MODERNISMO OU MODERNIDADE LÍQUIDA

Ainda hoje, há na Espanha algumas cidades antigas que fizeram parte do Império Romano. Em uma delas, há uma velha ponte daquela época. No século XX, fizeram ao seu lado uma ponte moderna de ferro e cimento. Os anos se passaram e a ponte moderna rachou e foi condenada pela defesa civil, e os veículos menores e maiores e mesmo os mais pesados voltaram a circular pela velha ponte romana. Isto mostra a sustentabilidade do passado e que nem sempre o moderno é sinônimo de estabilidade.

V. REVENDO AS FASES DO MODERNISMO

1. A pré-modernidade (século IV ao XV)
Nesse período imperou no ocidente a fé cristã.

2. A modernidade (século XV ao XX)
Aqui foram lançadas as bases das dúvidas e queixas contra o passado. Os principais artífices disso foram os iluministas.

3. A pós-modernidade (século XXI)
A efetuação da destruição de tudo o que foi construído no passado tais como: família, governo, economia, literatura, artes plásticas, arquitetura, moral e religião.

V. O PÓS-MODERNISMO E ZIGMUND BAUMAN

1. Era um judeu polonês de formação comunista-marxista.

2. Para não morrer nas câmaras de gás fugiu da Polônia.

3. Nasceu em 1925 e faleceu em 2017.

4. Não aceitava o termo pós-modernidade, mas criou o termo: “Modernidade Líquida”, por achar que o modernismo não passara, apenas tomara uma nova forma.

5. A expressão “modernidade líquida” representa o desmanche da fixidez, que foi substituída pela “volatilidade”, ou seja, a facilidade de mudar de opinião, ideologia, filosofia, religião.

6. Na modernidade líquida prevalece o individualismo. Porém, se interessa à ditadura imposta, pode ocorrer o contrário, o coletivismo domina sobre os direitos individuais.

7. Na modernidade líquida prevalece o NIHILISMO, que vem do latim nihil, ou seja, “nada”.

É o ponto de vista que considera que as crenças e os valores tradicionais são infundados e que não há qualquer sentido ou utilidade na existência.

8. O grande originador do niilismo foi Nietzsche.

a) Foi o grande idealizador da morte de Deus com o objetivo de instaurar uma nova ordem em que o homem seja a medida de valor para a vivência do mundo.

b) Ele, em sua obra, profetizou que, quando Deus morresse na mente da sociedade, tudo melhoraria. Todavia, após sua morte, deu-se o contrário: A sociedade que rejeitou Deus viu as duas guerras mundiais, a guerra do Vietnã e as muitas outras do século XX. Pior ainda, os governos marxistas assassinaram mais de cem milhões de pessoas. Assim sendo, excluindo Deus, as coisas desceram a ladeira abaixo.

c) Cumpriu-se aí a estória dos que viajavam na carruagem, e, aborrecidos com o cocheiro, o expulsaram e só depois, descobriram que ninguém sabia dirigir a carruagem, viram os cavalos apressarem-se para o abismo.

CONCLUSÃO

Bauman era discípulo fiel dos livros “O Capital” e o “Manifesto Comunista” e em sua obra “Modernidade Líquida”, ele nos mostra Marx na sua obra “manifesto comunista”. Já previa que o marxismo só triunfaria quando prevalecesse a liquidez. Por isso, vemos o desmanchar-se da família, das igrejas, da educação, da sociedade como um todo enfim.

ADENDOS DE TEXTOS DE BAUMAN:

“Tudo que é permanente deve ser liquidado. Excessivamente estática, a sociedade coagulada precisa ser diluída, e a realidade deve ser liberada do jugo da própria história”.

“Isso só pode ser feito apenas derrubando os sólidos. Isto é por definição: dissolvendo tudo o que persiste ao longo do tempo. Essa invenção chamada por sua vez “profanação do sagrado”, para repudiar e destonar o passado é, em primeiro lugar a tradição, o saber, o sedimento, o resíduo do passado no presente. Portanto o esmagamento da proteção da armadura forjada de crenças e

lealdades, que permitem os sólidos resistir a liquefação.

PR. JOSÉ ORISVALDO

NUNES DE LIMA é presidente da AD Alagoas e COMADAL, professor de diversas matérias teológicas, advogado, articulista da CPAD, Presidente do Conselho de Ética da CGADB.



HONRANDO O MINISTÉRIO DO ENSINO

Pr. Alexandre Coelho

HONRANDO O MINISTÉRIO DO ENSINO

APRESENTAÇÃO

Este estudo tem por objetivo discorrer sobre a necessidade de honrar e privilegiar o ministério do ensino na igreja.

Um ministério tão importante como esse não pode ficar às margens da prioridade de nossas congregações, pois se queremos que a igreja local se desenvolva com segurança e respaldada nas Sagradas Escrituras, precisamos honrar o ensino na igreja.

O QUE SIGNIFICA “HONRAR”?

Honrar é dar valor, distinguir com louvores. A ideia de utilizar a palavra “honra” está baseada na forma como seus sinônimos e antônimos podem nos ajudar a entender a sua importância.

Se por um lado “Honrar” é valorizar, dar importância, reconhecer como sendo de grande valor, por outro lado “desonrar” implica desvalorizar, não dar importância, não reconhecer como sendo algo de valor. Desonrar é tornar comum, sem apreço.

Quando falamos de honrar o ministério do ensino na igreja queremos dizer que é preciso reconhecer que esse ministério é fundamental para a vida dos santos em comunidade, e que sem ele, uma igreja pode até crescer em números, mas que provavelmente a qualidade e profundidade desse crescimento não acompanhará a congregação na mesma medida.

O ministério do Ensino na igreja é a materialização da ordem de Jesus:

“Ide e ensinai todas as nações” (Mt 28.19). Batizar é importante, evangelizar também, mas não se pode esquecer de eu pelo ensino as pessoas terão mais instrumentos para servirem a Deus e andarem mais próximas dele.

Exercer o ministério do ensino exige tanto do professor quanto das pessoas que vão atuar de alguma forma na Escola Dominical, pois é necessário que haja uma estrutura funcionando com tesouraria, secretaria, pessoas que introduzem visitantes nas classes e coordenadores.

Honrar é uma atitude que transmite a ideia do reconhecer o que efetivamente é importante. Honrar implica distinguir, posicionar em um lugar de destaque. É possível que entendamos o valor do verbo “honrar” se analisarmos o seu antônimo, desonrar. O que é desonrar? É administrar uma pessoa, objeto, mandamento ou situação como se não tivesse o valor devido.

Cidadãos orientais tem por hábito demonstrar que consideram uma pessoa honrada inclinando suas cabeças e o tronco do corpo para a frente, em sinal de respeito. Não fazer esse movimento, para eles, traz a ideia de que a pessoa não é honrada, que não merece atenção ou tem pouco valor.

Um caso clássico nas Escrituras sobre a honra e o seu valor é o de Eli e seus filhos. O sacerdote de Israel tinha dois filhos, Hofni e Finéias, seus sucessores no ministério sacerdotal. Esses moços tinham um comportamento maligno para com as coisas de Deus. Eles desprezavam a oferta do Senhor (1º Sm 2.17) e se aproveitavam de sua

posição ministerial para abusar de mulheres (1º Sm 2.22).

Eles desonravam tanto aquilo que Deus disse que deveriam tratar com distinção que “o Senhor os queria matar” (1º Sm 2.25). O próprio Deus fala com Eli que o sacerdote honrava mais aos seus filhos do que ao próprio Deus (1º Sm 2.29). A sentença daqueles homens estava decretada: “Aos que me honram honrarei, mas os que me desprezam serão envilecidos” (1º Sm 2.30).

HONRANDO OS PROFESSORES

De que forma podemos honrar nossos professores? Um café da manhã antes da Escola, uma visita com a turma a um professor que ficou doente, a igreja ou a classe presenteando o professor com um livro a cada trimestre, ou mesmo fazer uma comemoração na data de seu aniversário. A igreja e a Escola Dominical podem financiar cursos ou a participação em eventos relacionados à educação cristã, e assim, o professor se manterá atualizado e repartirá com outros aquilo que aprendeu.

As oportunidades são vastas, e cada igreja e escola dominical tem seus próprios meios para demonstrar apreço por aqueles que são importantes e servem com excelência no Reino de Deus.

Uma escola não existe se não houver professores. Talvez não tenhamos sempre todos os professores para nossas classes de Escola Dominical, mas não podemos nos esquecer de honrar os professores que temos. O crescimento da nossa Escola Dominical passará pelo empenho de professores e professoras comprometidos com o amor ao ensino, aos alunos e aos estudos.

Honramos nossos professores quando oferecemos a eles uma estrutura de qualidade para que

possam exercer seu ministério. Se o ambiente é um facilitador para o processo de ensino-aprendizagem, os professores se empenharão ainda mais no ministério do ensino. Uma escola dominical pode ter uma grande estrutura, mas precisa de professores motivados, treinados e comprometidos para que Deus faça com que a igreja cresça por meio do ensino.

Uma escola não existe se não houver professores. Talvez não tenhamos sempre todos os professores para nossas classes de Escola Dominical, mas não podemos nos esquecer de honrar os professores que temos. O crescimento da nossa Escola Dominical passará pelo empenho de professores e professoras comprometidos com o amor ao ensino, aos alunos e aos estudos.

HONRANDO OS ALUNOS

É necessário que os nossos alunos sejam honrados na Escola Dominical. E de que forma podemos honrá-los? Como professores, nos preparando para ministrar cada vez mais uma aula que faça a diferença na vida deles. Nossas aulas devem conduzir nossos alunos à prática da Palavra de Deus. De que adianta saber os conceitos teóricos que orbitam no aprendizado da direção de um automóvel se não entrarmos em um carro, colocarmos o cinto de segurança, ver as posições dos retrovisores e girarmos a chave, e sair com o veículo?

Honramos nossos alunos também quando nos comprometemos a orar por eles, quando chegamos no horário correto e estamos em sala quando a aula começa; quando respondemos suas perguntas sem desprezar aquelas que nos parecem mais irrelevantes; e demonstramos paciência quando estão no processo ensaio-e-erro no caminho para viver de glória em glória.

Honramos nossos alunos quando nos dedicamos a perceber suas dificuldades de aprendizagem e nos empenhamos no sentido de minimizá-las. Nós os honramos quando incentivamos a comunhão entre o nossos alunos, e despertamos neles o desejo de servirem a Deus como nós estamos servindo, e de forma ainda melhor. Nós os honramos quando despertamos neles o interesse pelos ministérios de serviço da congregação e o respeito pela liderança local.

HONRANDO A ESTRUTURA DA ESCOLA DOMINICAL

Quando se trata de estabelecer um critério para que traga destaque ao ministério do ensino, passamos pela estrutura da Escola Dominical. Quando mandamos nosso filhos para uma escola, esperamos que a mesma, independente de ser pública ou privada, tenha uma estrutura que atenda à sua vocação, a de educar pessoas (junto com a família). A escola precisa ter banheiros para os alunos.

A escola deve ter salas de aulas com quadros, assentos para os alunos e um apoio para que possam escrever, um ambiente em que crianças possam correr e brincar nos intervalos, uma biblioteca, um ambiente em que possam se exercitar e outro para que façam lanches. Tirando a parte da prática de exercícios, a Escola Dominical precisa ter estrutura para que o ensino seja feito da melhor forma possível.

INVESTINDO NOS RELACIONAMENTOS DENTRO E FORA DA ED

Relacionamentos são importantes no processo ensino-aprendizagem. Somos seres sociais, e é possível mudar determinados comportamentos dando ouvidos e praticando a Palavra de Deus,

e aprendendo com outros irmãos na Escola Dominical.

Numa escola secular os alunos sentam-se em salas para que haja foco na apresentação da disciplina, e na sala eles interagem, mas no intervalo, entre uma aula e outra, a interação entre os alunos ocorre de forma mais abrangente. Eles utilizam o tempo fora da sala para trocar ideias, se conhecerem e aprofundarem seus relacionamentos.

Quando investimos em relacionamentos na ED, temos uma continuidade na comunhão dos santos. Podemos orar uns pelos outros e incentivar a presença de cada um não apenas na ED, mas também nos demais ministérios da igreja local.

Em suma, podemos com diversas iniciativas demonstrar o quanto honramos o ministério do ensino em nossas igrejas. Sempre há oportunidades para fazer com que Deus fique contente com o trabalho de nossas mãos.



GESTÃO NA ESCOLA DOMINICAL

Pr. Alexandre Coelho

GESTÃO NA ESCOLA DOMINICAL

APRESENTAÇÃO

Este seminário tem por objetivo trazer à tona características que são esperadas de um gestor para estar à frente da Escola Dominical. A proposta é que tais características sejam apresentadas como integrantes do ministério do gestor, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos.

GESTÃO É IMPORTANTE

Dado ao valor da Escola Dominical para o fortalecimento do Reino de Deus, é esperado do gestor uma atuação que faça convergir na Escola Dominical professores comprometidos com sua vocação, planejamento, conhecimentos didáticos e bíblico-teológicos, habilidade de comunicação e tomada de decisão, entre outras características.

Educação não é feita apenas com conteúdo, materiais, professores, alunos e um espaço para que todos esses elementos estejam interagindo. É preciso que haja pessoas hábeis administrando pessoas, recursos e processos.

Quando tratamos da Escola Dominical, pensamos na maior escola livre de educação cristã do mundo, com milhões de alunos matriculados em diversas nações. Naturalmente, avaliando-se as diferentes culturas das nações, entendemos que questões relacionadas a dias e horários podem variar, mas o compromisso com a transmissão do ensino bíblico permanece o mesmo.

Uma escola dessa magnitude precisa ser dirigida por pessoas que não apenas tenham um profundo amor pela Palavra de Deus e pelo seu ensino, mas também com habilidades necessárias à gestão de recursos humanos, materiais e financeiros.

A Escola Dominical traz, para a igreja local, a oportunidade para formar gestores também, gestores estes que influenciarão o corpo de alunos e ordenarão os trabalhos educacionais, a fim de que a Palavra de Deus seja ensinada no horário da lição e praticada por toda a vida.

CONHECER A PALAVRA DE DEUS

É preciso Conhecimento prévio da Palavra e dos meios atrelados ao seu ensino. Quando se trata de gestão de ensino e de seus meios, não se pode conceber que apenas os professores sejam detentores do conhecimento de suas matérias e tenham uma visão global da gestão da instituição. O Superintendente, gestor ou responsável deve conhecer as regras gerais que ordenam os mecanismos do ensino.

Assim posto, deve igualmente conhecer a Palavra de Deus, sua teologia e o credo de sua igreja. Tal conhecimento, além de ser necessário, o deixa em uma posição de poder tratar com seu corpo docente sobre questões que podem trazer dificuldades no processo ensino-aprendizagem, mostrando a eles que o gestor não é um mero burocrata desconhecedor dos temas relevantes inerentes à Escola Dominical, mas uma pessoa atualizada

e inserida na teologia e no ambiente em que ela é discutida e aplicada.

CONHECER OS MEIOS DO PROCESSO DE ENSINO

Sem conhecer os processos de ensino-aprendizagem, o trabalho do gestor da Escola Dominical terá dificuldades para ser realizado. Cada faixa etária tem suas formas de aprender, e esse conhecimento fará a diferença no exercício da gestão.

ORGANIZAÇÃO

Organização é importante qualquer ambiente. Se você não tem certeza de que ser organizado é realmente importante como um gestor, desejo que pense comigo no preço que se paga por ser uma pessoa desorganizada. A pessoa desorganizada:

1. Perde tempo procurando coisas,
2. Deixa a correspondência acumular para depois cuidar dela,
3. Tem medo de abrir seu armário ou gavetas em casa ou no escritório,
4. Acredita que a falta de tempo ou de espaço o impedem de ser uma pessoa mais ordeira,
5. Sente que realizou pouco ao longo do dia,
6. Procura evitar que visitas inesperadas reparem na casa,
7. Tem dificuldades de lembrar de datas de aniversários ou datas importantes,
8. Sente-se indo para mais de uma direção ao mesmo tempo,
9. Acha difícil conciliar o equilíbrio entre a poupança e os gastos mensais,

Esses são apenas exemplos de situações que cercam pessoas que não prezam pela organização, e o mesmo

vale para o gestor da Escola Dominical. Não ter controle de relatórios de presença de alunos e professores, datas de aniversários, reuniões e eventos festivos é um sinal de que é preciso haver organização na esfera de trabalho.

Os benefícios de uma vida bem organizada vão muito além de uma casa em ordem e da facilidade de encontrar as coisas. A boa organização acrescenta horas ao dia e dias ao mês porque poupa tempo.

Acostume-se a estabelecer um plano com suas metas e quando deseja cumpri-las. Acima de tudo, estabeleça metas que possam ser cumpridas e acompanhadas. Isso faz com que haja comprometimento com o que foi combinado e agendado.

Um exemplo bíblico pode nos fazer entender a importância de se ter uma vida organizada nos é apresentado em Gênesis 1. A Bíblia não se preocupa em discutir a existência de Deus; ela já começa dizendo que no princípio Deus fez os céus e a Terra.

No 1º dia, Ele criou a Luz.

No 2º dia, Ele fez uma divisão entre as águas e o céu.

No 3º dia, Deus fez surgir a terra seca e criou as plantas e árvores.

No 4º dia, criou o Sol e a Lua.

No 5º dia, criou os répteis e aves.

No 6º dia, criou o homem e os outros animais.

Essa ordem de criação foi organizada como objetivo de criar primeiramente o ambiente em que o homem seria colocado. Só depois de ter organizado o ambiente é que Deus criou o homem e o colocou no Éden. Gênesis 1.1-27.

Vale a pena destacar que no 7º dia Ele descansou. Quando há organização, até o momento do “descanso” é respeitado.

COMUNICAÇÃO

É preciso planejar, mas também é preciso passar as informações de forma correta, para que todos os envolvidos no processo de gestão da Escola Dominical saibam o que devem fazer.

Saiba explicar o que é necessário fazer, as decisões tomadas e o que precisa ser feito, é algo que o gestor ou superintendente de Escola Dominical deve desenvolver. Se uma pessoa de nossa equipe não foi informada sobre o que deve ser feito, ou se essa informação foi mal transmitida ou mal-entendida, os planos para o desenvolvimento do trabalho serão afetados.

Seja direto em sua comunicação. Se vamos passar as informações para uma equipe, devemos ser objetivos. Não podemos “falar, falar, falar, e não dizer nada”. Em seu ministério terreno, o Senhor Jesus privilegiou a simplicidade em seus ensinamentos e atitudes.

Ele considerou, em todos os momentos, a simplicidade como prioridade para lidar com seus discípulos, com as pessoas que o ouviam, com as autoridades de seu tempo e com seu ensino. Em tempo, ser direto e objetivo não é o mesmo que ser rude mal-educado quando for falar com as pessoas.

PLANEJE

As pessoas costumam dizer que um assunto pode ser complexo ou simples a depender da forma como é apresentado. Certos assuntos demandam um conhecimento prévio dos alunos ou da equipe com que lidamos. Outros assuntos podem ser tratados e explicados na hora da reunião.

Lembre-se de que não basta ao gestor da Escola Dominical ser um exímio planejador. É preciso comunicar o que foi estabelecido, até para que toda a equipe caminhe na mesma direção.

TOME DECISÕES

Tomar decisões não é fácil. Há decisões óbvias, simples de serem tomadas. Morar em apartamento tem vantagens e desvantagens, da mesma forma que morar em uma casa. Toda tomada de decisão implica um ganho e uma perda.

Trabalhar com gestão de Escola Dominical coloca-nos diante de situações em que deveremos estar prontos para tomar decisões importantes. Tomar decisões implica saber escolher entre uma opção e outra, ou entre uma e outras, e para tomar decisões acertadas é necessário ter parâmetros adequados para se tomar a decisão.

Deixar de tomar decisões implica preservar problemas e deixar de apresentar e implantar soluções. E como pode um gestor tomar decisões acertadas? Somos chamados a decidir conforme a orientação divina, nossa experiência fruto da vivência ministerial e de uma preparação sólida.

Processos de tomadas de decisões são fruto de um constante aperfeiçoamento. Navegadores se utilizavam de lunetas no século XVII, e com os dados obtidos uma decisão poderia ser tomada em semanas.

Jesus tomou decisões. Ele passou tempo com Deus em oração antes de escolher seus discípulos, e orou para que Satanás não acabasse com Pedro. Antes de tomar decisões, acostume-se a orar para escolher sua equipe e por eles, depois de escolhidos. Além disso,

A decisão a ser tomada vai envolver outras pessoas? É benéfica para o ministério a curto, médio e longo prazo? O que é importante nesse momento para a ED? Toda decisão implica riscos, e até adentrar por caminhos não antes trilhados.

Não tome decisões sem ter todas as informações consigo.

Não tome decisões sem ouvir as pessoas envolvidas no processo.

Não tome decisões quando estiver alegre ou irritado.

Lucas 6.12, Lucas 22.31,32

PREPARANDO OUTROS PARA O MINISTÉRIO

“A função da liderança é produzir mais líderes, não seguidores”

Não podemos ser bem-sucedidos em nosso ministério junto à Escola Dominical se não conseguimos fazer sucessores ou motivar pessoas a que sirvam ao Senhor no ministério do ensino.

Observando exemplos bíblicos, vemos que grandes homens de Deus treinaram outros homens para darem prosseguimento ao ministério para o qual estavam sendo treinados. Moisés tinha um Josué. Elias teve um Eliseu. Paulo teve um Lucas. Pedro treinou João Marcos. E Jesus teve 12 discípulos. Treinar pessoas é um “mandamento” para o responsável pela gestão da Escola Dominical.

Descobrir talentos não é fácil. É preciso oração, paciência e tempo para observar as pessoas, e depois, oração, paciência e tempo para treinar essas mesmas pessoas. Treinar pessoas na Escola Dominical não pode ser feito sem oração. Jesus nos dá o exemplo de pedir a Deus que nos envie as pessoas para que possam trabalhar na sua seara. Quando esteve ensinando e curando pessoas, deixou-nos uma séria advertência anão se desprezar o poder da oração:

E, vendo a multidão, teve grande compaixão deles, porque andavam desgarrados e errantes como ovelhas que não têm pastor. Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente

grande, mas poucos são os ceifeiros.

Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.

Mateus 9.36-38

Treinar pessoas no ministério é uma das mais importantes funções de um gestor de Escola Dominical. Sem treinamento, um gestor não alcança o ápice de seu ministério, nem pode repassar a outros o que recebeu de Deus.

Quando treinamos pessoas, fazemos com que cresçam e se desenvolvam para a obra que Deus os tem chamado. Isso significa que Deus nos usa, como gestores, a moldar outras pessoas.

“Sem pessoas treinadas, nenhum planejamento atingirá o potencial máximo de execução. Planejamento sem treinamento na igreja é o mesmo que pegar um projeto de um novo carro, desenhado por engenheiros experientes, e confiar sua execução a operários sem qualificação ou aprendizes numa fábrica”
CAMPANHÂ, Josué. Planejamento Estratégico para Igrejas, 1ª Ed. SP. United Press, 2013, p 317

Um dos fatores necessários à uma Escola Dominical bem-sucedida é a capacidade que o gestor tem de exercer o controle e o acompanhamento daquilo que foi planejado, ou seja, a verificação dos resultados obtidos após todo o planejamento feito. Inicialmente, faz-se o planejamento, mas essa é uma parte do todo.

APRENDA A CONTROLAR

Planejamento não vinga se não for acompanhado cotidianamente, para se ver se o que foi planejado está sendo realmente executado. O

Controle, portanto, é essencial para que se alcance ao máximo aquilo que foi planejado.

Pensemos em um exemplo bíblico em que o controle do que foi planejado resultou na rejeição de uma pessoa a uma determinada função de grande importância.

O profeta Samuel orientou a Saul, o primeiro rei de Israel, que numa batalha contra os filisteus, aguardasse a chegada do profeta, para orar ao Senhor e fazer um sacrifício.

E o que Saul fez, preocupado com o prazo que estava acabando, e com a iminência de os filisteus, inimigos de longa data dos israelitas, iniciarem seus ataques? Ofereceu um sacrifício, mesmo sem ser sacerdote.

Ele descumpriu o que foi planejado, e a seguir, o profeta Samuel chegou, e repreendeu o rei por não ter cumprido o que havia sido planejado.

“Então, disse Samuel a Saul: Agiste nesciamente e não guardaste o mandamento que o SENHOR, teu Deus, te ordenou; porque, agora, o SENHOR teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre”.
1 Sm 13.13

Aqui vemos que o ato de controlar aquilo que foi planejado expôs a falha do rei em saber aguardar o momento certo para realizar certas atividades, e vemos também o preço dessa falha de caráter em Saul: O reino dele seria confirmado par sempre se, acima de tudo, ele obedecesse ao Senhor. 1 Sm 13.13

Samuel exerceu o controle do que foi planejado, e a partir daí, deu prosseguimento ao plano de Deus, de ter uma nação sendo guiada por um líder que efetivamente obedeceria ao Senhor. Não devemos ter receio de fazer o controle do que foi planejado. A Escola Dominical não pode funcionar na base do improviso.

DICAS PARA QUEM ENSINA NA ED

1. Prepare-se para Ensinar.

1.1. Da mesma forma que a pregação, o ensino tem uma enorme importância para a edificação da igreja local. Por meio dela a igreja é fortalecida e fica alerta ao que tenta adentrar na congregação, que não vem de Deus.

1.2. Uma igreja que é ensinada e conhece a Doutrina de Deus, não se deixa levar por doutrinas de demônios.

1.3. Não tenha vergonha nem receio de ser um estudioso da Palavra de Deus.

2. Use estratégias de ensino adequadas.

2.1. Se vai ensinar para crianças da educação infantil, as histórias bíblicas podem ser limitadas ao que eles podem entender. Para elas, contamos a história de Samuel, mas não toda.

2.2. No caso dos adolescentes, as lições já podem ser aplicadas mostrando questões morais e consequências de decisões

2.3. Jovens e adultos podem ter suas experiências de vida sendo utilizadas para dar mais cor ao ensino.

3. Conte histórias.

3.1. Contar histórias é uma arte. Histórias prendem a atenção dos ouvintes, e se bem utilizadas, ajudam os alunos a compreenderem grandes verdades de forma prática. E a Palavra de Deus, ao longo de suas páginas, traz a verdade de Deus por meio também de histórias.

3.2. Pensemos no caso do Rei Davi após ter cometido o adultério com Bate-Seba e matado o esposo dela. O profeta Natã recebeu uma ordem de Deus, de confrontar o rei, mas não o fez chutando a porta e apontando o dedo no rosto do rei, acusando-o de suas falhas. Ele contou uma história.


3.3. Jesus contou parábolas para ensinar grandes verdades para seus ouvintes. Pensemos na parábola da grande Ceia, ou na do Filho Pródigo. Todas essas histórias fizeram pensar os ouvintes, e transmitiram grandes ensinamentos sobre o Reino de Deus.

4. Use o tempo com sabedoria.

4.1. O tempo é um dos “ativos” mais preciosos que temos em mãos para que possa ser utilizado no Reino de Deus. Portanto, devemos utilizá-lo da melhor forma possível.

4.2. Faça o possível para cumprir todo o roteiro da aula, adaptando o assunto, quando necessário.

4.3. Não gaste o tempo da aula para tratar de assuntos que não estão dentro do escopo da lição. Imagine se você estiver numa aula de geografia e o professor insistir em tratar de matemática ou de química?



O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA LUCANA

Gutierrez Fernandes Siqueira

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA LUCANA

Entre os autores do Novo Testamento, Lucas é inegavelmente o que mais dedica espaço ao Espírito Santo no seu conjunto de escritos (Lucas-Atos). Mas, diferente de Paulo e de João, que também trabalham a pneumatologia, o enfoque de Lucas é o profetismo carismático do Espírito. O “espírito de profecia”, marca presente na Bíblia hebraica, repassa todo o trabalho de Lucas (Nm 11.24-29; 1 Sm 10.5; 18.10; 19.20, 24; Jl 2.28; compare com: Lc 1.15, 41-42, 67; At 2.4, 4.8, 4.31, 6.3, 7.55, 8.14-17, 9.17, 10.44-47, 11.15-17, 13.9, 15.8, 19.1-7).

Para falar da pneumatologia lucana, vamos analisar um dos textos carismáticos do Evangelho de Lucas.

ISABEL, A PROFETIZA

Naqueles dias, Maria se aprontou e foi depressa à região montanhosa, a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre. Então Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em alta voz:

— Bendita é você entre as mulheres, e bendito o fruto do seu ventre! E que grande honra é para mim receber a visita da mãe do meu Senhor! Pois, logo que me chegou aos ouvidos a voz da saudação que você fez, a criança estremeceu de alegria dentro de mim. Bem-aventurada a que creu, porque serão cumpridas as palavras que lhe foram ditas da parte do Senhor (Lc 1.39-45 NAA).

As narrativas da infância de Jesus estão repletas de imagens associadas ao Espírito Santo. Lucas é o único evangelista que retrata a história de Isabel, a parente de Maria, que carrega em seu ventre o “precursor do Messias”, isto é, João Batista – o profeta que seria cheio do Espírito desde o ventre de sua mãe (Lc 1.15). O texto diz que Maria, recém-grávida do menino Jesus, vai depressa até a casa de Isabel – que ficava a quatro dias de distância. Ao entrar naquela casa, o texto diz que Maria saúda Isabel e ela, ao ouvir a saudação, sente o seu bebê estremeçando no ventre. A palavra grega usada para retratar esse movimento é *skirtáō* e indica um pulo que é resultado de grande regozijo – assim como é a dança derivada da alegria escatológica diante do Messias (cf. Mt 4.2; 3.20 LXX; Sabedoria de Salomão 19.9). Esse salto é “uma expressão de alegria extática”¹.

Poucas vezes imaginamos os efeitos psicológicos da responsabilidade de Maria. De uma conversa com um anjo ela fica sabendo que estava grávida do Messias, mesmo sendo a virgem prometida a um homem. Em uma sociedade permeada pela cultura da honra, nada mais desesperador do que descobrir uma gravidez fora do casamento. O milagre era, também, um grande peso. Maria, uma adolescente, embora o conceito de adolescência não existisse na época, estava com uma missão

¹ WOLTER, Michael. *The Gospel According to Luke: Volume I (Luke 1-9:50)*. 1 ed. Waco: Baylor University Press, 2016. p 87.

difícil de carregar. Não é forçoso imaginar que era precisava de uma palavra de edificação, encorajamento e consolação - a função tríade da profecia (1 Co 14.3 - NVI). Como observa James Shelton: “Através do testemunho de Isabel, o Espírito responsável pela concepção de Jesus forneceu à mãe dele a palavra confirmadora dessa concepção”².

O enchimento do Espírito provoca mudanças sociais. Em primeiro lugar, como é típico do Evangelho de Lucas, as mulheres têm um espaço extraordinário. Essas mulheres, cheias do Espírito, agem como profetas (Isabel e Ana, por exemplo). “Isabel e Maria, não Zacarias e José, primeiro recebem a mensagem da vinda de Cristo, primeiro respondem com plena fé a essa notícia, primeiro são louvados e abençoados pelos anjos de Deus e primeiro cantam e profetizam sobre o menino Jesus”, como bem pontua Ben Witherington³. Outro ponto é a mudança de status hierárquico. Isabel, mesmo sendo a mulher mais velha da história, reconhece Maria como a “bendita entre as mulheres” e “mãe do meu Senhor”. No drama da redenção, Isabel é coadjuvante assim como será o seu filho: “Não sou digno de desamarrar as correias das suas sandálias” (Jo 1.27). O Espírito sempre conduz à exaltação de Cristo (1 Co 12.1-3). Ao honrar e reconhecer Maria como bendita, Isabel estava apontando para Cristo.

No episódio também existe plena harmonia, e não o clima de hostilidade que existia entre, por exemplo, Sara, que era estéril e Agar, que era mãe⁴.

2 SHELTON, James. *Poderoso em Palavras e Obras: O papel do Espírito Santo em Lucas-Atos*. 1 ed. Natal: Carisma Editora, 2018. p 47.

3 WITHERINGTON, Ben. Elizabeth. FREEDMAN, David Noel. *The Anchor Yale Bible Dictionary*. Volume 2. 1 ed. New Haven: Yale University Press, 1992. p 474.

4 LIEU, Judith. *The Gospel of Luke: Epworth Commentaries*. 1 ed. Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2012. p 9.

Eram mulheres de origens, cidades e idades diferentes e, também, de missões diferenciadas - todavia complementares. “A visita é um embrião da igreja, pois o evangelho e Atos dos Apóstolos enfatizam reiteradamente que o plano salvífico de Deus junta pessoas díspares e separadas em comunhão, alegria e missão”⁵. Por outro lado, também, Maria e Isabel estavam unidas na impossibilidade da gravidez e no chamado messiânico.

O texto diz que Isabel “ficou cheia do Espírito Santo” (1.41) e, como lembra Michael Wolter, “o fraseado *ἐπλήσθη πνεύματος ἁγίου* é tipicamente lucano e tem aqui, como também em Lucas 1:67; Atos 2.4; 4.8, 31 (veja também 13:9) – a função de atribuir o conteúdo da fala que segue a uma origem celestial”⁶.

A unção carismática sobre Isabel sinaliza o Espírito que produz vida em terra estéril. Diante desse episódio, lembro-me com é comum a expressão da esperança hebraica nos cultos pentecostais das periferias dos grandes centros e das zonas rurais pela citação abundante do salmo abaixo:

Quem é como o Senhor, nosso Deus, que habita nas alturas; que se curva para ver o que está nos céus e na terra; que do pó levanta o pequeno e, do monturo, ergue o necessitado, para o fazer assentar com os príncipes, sim, com os príncipes do seu povo; que faz com que a mulher estéril habite em família e seja alegre mãe de filhos? Louvai ao Senhor! (Sl 113.5-9 ARC).

5 EDWARDS, James R. *O Comentário de Lucas*. 1 ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2019. p 92.

6 WOLTER, Michael. *The Gospel According to Luke: Volume I (Luke 1-9:50)*. 1 ed. Waco: Baylor University Press, 2016. p 87.

A IMPORTÂNCIA DA FALA NO ENCHIMENTO DO ESPÍRITO

Ao ler Lucas, como acima já vimos, é inegável a relação entre fala inspirada e o enchimento do Espírito. A doutrina da evidência inicial do falar em línguas no Batismo no Espírito Santo é uma marca importante do pentecostalismo clássico e tem uma forte base escriturística. As Sagradas Escrituras normalmente associam o enchimento do Espírito ao discurso vocal. É claro, a partir de uma leitura no progresso revelacional das Escrituras, que há uma mudança de chave da evidência do revestimento de poder. Gradualmente, da Antiga para a Nova Aliança, o sinal externo do enchimento do Espírito passa da profecia à glossolalia. E, também, o enchimento do Espírito deixa de ser apenas para alguns escolhidos e passa a ser disponível a todos os homens. Apesar das críticas costumeiras a essa doutrina, o seu referencial bíblico é bastante lógico. Outro ponto importante é que, em toda a Escritura, a profecia e a glossolalia sempre estão próximas e indicam uma “elocução” impulsionada pelo Espírito.

Quando Deus designou setenta anciãos para ajudarem Moisés, conforme registro de Números 11.16-35, Ele tirou o Espírito Santo que estava sobre Moisés e repassou a todos os anciãos. Diz o texto: “E aconteceu que, quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram” (v. 25). Séculos depois, Deus usou Joel para profetizar a efusão do Espírito e assim disse ao povo de Israel: “Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão” (2.28). Há ainda um episódio emblemático no reinado de Saul quando ele envia mensageiros para prender Davi, mas quando esses mensageiros passam pela Escola de Profetas dirigida por Samuel, diz o texto

que “o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram” (1 Sm 19.20). O evangelista Lucas, ao registrar os atos da família de João Batista, o último profeta da Antiga Aliança (cf. Lc 16.16), mostra o mesmo padrão veterotestamentário: “Seu pai, Zacarias, foi cheio do Espírito Santo e profetizou...” (Lc 1.67); “Isabel foi cheia do Espírito Santo, e exclamou com grande voz” (Lc 1.41, 42).

Lucas compartilha com o judaísmo essa ideia de que o Espírito é essencialmente um espírito de profecia. Já nas narrativas da Infância, a dimensão profética do Antigo Testamento (por exemplo, Lucas 1. 46, 67; 2. 25-7) e a inspiração profética de João Batista (Lucas 1. 15, 17) foram salientados. A descrição lucana de Jesus não refuta essa insistência no espírito de profecia. A obra do Espírito é uma obra da Palavra, e o falar “corajosamente em nome de Jesus” (At 9. 27) deve ser considerada como o sinal por excelência do Espírito⁷.

O teólogo assembleiano Robert P. Menzies mostra que não só no texto bíblico do Antigo Testamento, mas mesmo na literatura judaica da época de Cristo havia abundância de textos associando a atuação do Espírito com a vocalização profética. Diz Menzies: “A literatura do judaísmo intertestamentário identifica consistentemente a experiência do Espírito com inspiração profética. O Espírito permite que o sábio atinja as alturas da realização sapiencial, equipa o Messias com conhecimento especial para governar e dá uma visão ao profeta do Senhor. A inspiração do Espírito, seja

⁷ MARGUERAT, Daniel. *The First Christian Historian: Writing the “Acts of the Apostles”*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p 119.

em relação ao sábio, ao Messias ou ao profeta, está quase sempre relacionada à fala inspirada”⁸. Portanto, tanto o Antigo Testamento como a teologia judaica apresentavam uma longa tradição de associar o enchimento do Espírito Santo à fala. O teólogo anglicano G. W. H. Lampe (1912-1980), já na década de 1950, fazia o contraponto à teoria da História das Religiões e mostrava que a pneumatologia lucana não era de influência helênica, mas judaica⁹.

O “ESPÍRITO DE PROFECIA” NA NOVA ALIANÇA

Como já mencionado, com o Novo Testamento, o Espírito Santo e o seu enchimento capacitador ao serviço, conhecido como “Batismo no Espírito Santo”, não estão localizados apenas em alguns poucos indivíduos, mas, agora, está disponível para toda a Igreja. O sinal desse derramamento do Espírito deixa de ser a profecia, conforme visto em vários textos do Velho Testamento e passa a ser o falar em línguas, a glossolalia, como pode ser verificado em Atos dos Apóstolos: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas...” (At 2.4); “Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse...” (At 4.8); “E todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus” (At 4.31); “E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos

tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus” (At 10.45,46); “E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam” (At 19.6). É interessante observar que tanto a profecia como o falar em línguas são dons elocutivos, mas, claramente, Lucas apresenta em Atos que a glossolalia substitui a profecia. Todavia, a natureza elocutiva do enchimento do Espírito continua.

POR QUE HÁ UMA REJEIÇÃO TÃO FORTE À PNEUMATOLOGIA PENTECOSTAL?

O famoso exegeta suíço Eduard Schweizer (1913-2006) escreveu um importante artigo em 1952 intitulado “Spirit of Power: The Uniformity and Diversity of the Concept of the Holy Spirit in the New Testament” [Espírito de Poder: A uniformidade e a diversidade do conceito do Espírito Santo no Novo Testamento]. Ele mostra como a pneumatologia de Paulo apresenta diferenças complementares a Lucas e vice-versa. Em um trecho, Schweizer escreve: “Lucas está preocupado em mostrar como o Espírito tem atividades peculiares, ainda que extraordinárias e visíveis, que penetram profundamente na existência corpórea do homem e em sua vida diária.” Não é à toa que nós, assembleianos, afirmamos em nossa **Declaração de Fé** que o falar em línguas é uma evidência **física** e **inicial** do Batismo no Espírito Santo. Como lembra Schweizer, uma leitura atenta de Atos dos Apóstolos mostra que há um envolvimento do Espírito Santo com a nossa fala. Outro exegeta famoso, Hermann Gunkel (1862-1932), ainda no século XIX, já afirmava ao ler o livro de Atos dos Apóstolos: “Os sintomas da presença do Espírito Divino foram mais

8 MENZIES, Robert. *Empowered for Witness: The Spirit in Luke-Acts*. 3 ed. New York: T&T Clark Publishers, 2004. p 84. Traduzido para o português com o título *Empoderados para Testemunhar* (1 ed. Natal: Carisma Editora, 2021). Veja também: STRONSTAD, Roger. *A Teologia Carismática de Lucas*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p 94, 95. O “espírito de profecia” no judaísmo do Segundo Templo é bem trabalhado nas obras do John (Jack) Levison como, por exemplo, *The Spirit in First-Century Judaism* (1 ed. Leiden: Brill, 2013).

9 LAMPE, G. W. H. “The Holy Spirit in the Writings of St. Luke” em *Studies in the Gospels: Essays in Memory of R. R. Lighfoot*. Editado por D. E. Nineham (Oxford, 1955), 161-162.

claramente e visivelmente presentes na *glossolalia*. Tal comportamento (...) é visto como aquela manifestação do Espírito em que a descida do divino é percebida de forma mais fácil e direta. Portanto, não é suficiente dizer que a glossolalia foi o dom mais visível do Espírito – era, ao mesmo tempo, o mais característico”¹⁰. James D. G. Dunn (1939-2020), cuja obra é extensamente usada pelos críticos do pentecostalismo, escreveu em uma obra mais tardia: “A favor da tese pentecostal, deve-se dizer basicamente que sua resposta (sobre a evidência inicial) está enraizada no Novo Testamento com mais firmeza do que se pensa. Certamente, é verdade que Lucas considera a *glossolalia* do Pentecostes como um sinal externo do derramamento do Espírito. (...) O fato é que sempre que Lucas descreve o dom do Espírito, este é acompanhado e manifestado pela *glossolalia*. Então, a consequência, não desprovida de realismo, é que Lucas tentou descrever o ‘falar em línguas’ como ‘a prova física inicial’ do derramamento do Espírito”¹¹. É difícil achar um exegeta que seja honesto com o texto de Atos e negue a natureza da glossolalia associada aos homens cheios do Espírito.

Falta ao universo evangélico tradicional entender, como exegetas famosos do passado entenderam, que a pneumatologia de Lucas é complementar a Paulo e vice-versa. O teólogo norte-americano Rick Brannan fez um levantamento interessante sobre as passagens bíblicas mais citadas em 300 teologias sistemáticas vendidas no mercado evangélico. É surpreendente e espantoso que entre as cinco referências mais citadas em

pneumatologia temos apenas menções ao Evangelho de João e a Epístola aos Efésios, ou seja, nada do conjunto Lucas-Atos, que são os livros bíblicos que mais falam da atuação do Espírito Santo. Nas Teologias Sistemáticas protestantes há um domínio de textos paulinos e quase nada das narrativas do Antigo e Novo Testamento. Em parte, isso explica a dificuldade dos teólogos tradicionais em compreender a estrutura doutrinária do pentecostalismo. E, também, mostra como os evangélicos precisam mergulhar mais em Teologia Bíblica e em Teologia Narrativa¹² (sem desprezar a importância da Teologia Sistemática).

Portanto, cremos nas línguas estranhas como evidência física inicial não como dogmatismo e tradicionalismo ou como marca histórica, mas porque há amplo amparo bíblico para essa crença. A glossolalia tem um papel fundamental como testemunho público. Como lembro no meu livro *Revestidos de Poder*: “O apóstolo Paulo indica que a língua é um ‘sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis’ (cf. 1 Coríntios 14. 21,22), e o Batismo no Espírito Santo

¹² Teologia Narrativa pode significar muitas coisas para muita gente, especialmente após o advento da pós-modernidade. Nos meus textos, teologia narrativa é a afirmação que as narrativas bíblicas possuem conteúdo teológico e não apenas histórico. Essa afirmação é, apesar de óbvia, não muito destacada na tradição protestante. Lucas, assim como Marcos, Mateus e João pensam a teologia em forma narrativa. Isso não significa que eles inventavam histórias, mas sim que destacavam fatos históricos sobre Jesus e sobre a Igreja para defender determinada perspectiva. João, por exemplo, estrutura todo o seu Evangelho para mostrar a divindade de Cristo, enquanto Mateus enfatiza a messianidade judaica de Cristo. Robert P. Menzies lembra como as reações exageradas ao liberalismo teológico no meio evangélico levaram os nossos eruditos a rejeitar Lucas como teólogo, enquanto o destacavam apenas como um historiador. Veja: MENZIES, Robert P. “Mission Spirituality: A Pentecostal Contribution to Spiritual Formation” in: CHAI, Teresa (ed.) *A Theology of The Spirit in Doctrine and Demonstration*. 1 ed. Bagoio: APTS Press, 2014. p 43.

¹⁰ GUNKEL, Hermann. *The influence of the Holy Spirit*. 1 ed. Philadelphia: Fortress Press, 1979. p 31.

¹¹ DUNN, James D. G. *Jesús y el Espíritu: La experiencia carismática de Jesús y sus Apóstoles*. 1 ed. Barcelona: Editorial CLIE, 2014. p 417.

é um revestimento de poder para testemunhar àqueles que não se converteram (Atos 1.8, 2.1-47). Não é à toa que a língua sempre está presente no Batismo do Espírito Santo”¹³.

A melhor contribuição que o pentecostalismo vem apresentando para o cristianismo global é a vitalidade do Espírito na força de Deus pela proclamação do Evangelho de Cristo. O pentecostalismo é essencialmente trinitário, comunitário, globalizante e democrático, afinal, o Espírito sobra sobre “toda carne”, ou seja, sobre todo tipo de pessoa. Além de tudo isso, o pentecostalismo é carismático. Infelizmente, o cristianismo ocidental, capturado pelo racionalismo, desprezou o entusiasmo, a mística e o relacionamento supranatural com Deus. Com um sotaque excessivamente naturalista, o cristianismo virou apenas mais uma filosofia entre tantas outras. Não é à toa que igrejas conservadoras e liberais, nos países desenvolvidos, morrem a cada dia. Afinal, ninguém se empolga a entrar num templo onde o sermão do pastor apenas ressoa como de mais um comentarista político defendendo a ideologia A ou B. Por outro lado, em países como a Nigéria, China e Brasil o cristianismo continua com fôlego. É certo que o pentecostalismo padece de muitos males, inclusive o entusiasmo sem discernimento, mas hoje, nenhum outro ramo do cristianismo tem encarnado com mais força a expansão do Reino de Deus através do leigo. Com o pentecostalismo e sua ênfase em “comunidades proféticas”, o sacerdócio universal de todos os crentes foi

13 SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *Revestidos de Poder: Uma Introdução À Teologia Pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p 92. Veja também uma defesa mais extensa que faço desse ponto: SIQUERA, Gutierrez Fernandes. *O Espírito e a Palavra: Fundamentos, Características e Contribuições da Hermenêutica Pentecostal*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. p 49-52.

finalmente colocado em prática.

É verdade que Deus se comunica com a nossa razão. Deus nos convida a compreender, ponderar, julgar, avaliar. O Senhor diz a Israel: “Venham, vamos refletir juntos” (Isaías 1.18 NVI). Tudo isso envolve raciocínio com base em dados e fatos. Não é à toa que Deus revelou o essencial para a nossa salvação por meio de um livro: As Sagradas Escrituras. Mas, cabe lembrar, que a verdade não é meramente abstrata, a verdade é, também, uma pessoa, a saber, a pessoa de Jesus Cristo, que disse: “Eu sou a verdade...” (João 14.6). E não nos relacionamos com uma pessoa apenas com base em proposições racionais. O relacionamento pessoal envolve a emoção, a subjetividade e a interioridade. O homem é racional, mas também é emocional. As emoções e a subjetividade são parte importante da constituição humana e da sua comunicação consigo mesmo, com Deus e com o mundo ao seu redor. E, em cada culto pentecostal nas pequenas igrejas das periferias das grandes cidades, essas verdades são lembradas constantemente.

GUTIERRES FERNANDES SIQUEIRA

é bacharel em Comunicação Social pela Faculdade Paulus e pós-graduado em Mercado Financeiro pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e pós-graduado em Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná. É autor dos livros *Revestidos de Poder: Uma Introdução à Teologia Pentecostal* e *O Espírito e a Palavra: Fundamentos, Características e Contribuições da Hermenêutica Pentecostal*, ambos lançados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). É também autor dos livros *Reino Dividido* (Editora GodBooks) e *Autoridade Bíblica e Experiência no Espírito* (Editora Thomas Nelson Brasil). Atua na área de ensino da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério do Belém – em Pinheiros, São Paulo (SP).



APERFEIÇOADO PELO FOGO

Pr. Welbr dos Santos

APERFEIÇOADO PELO FOGO

E cada vez mais se agregavam crentes ao Senhor em grande número tanto de homens como de mulheres; a ponto de transportarem os enfermos para as ruas, e os porem em leitos e macas, para que ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse alguns deles (At 5.14-15).

Então, prendendo-o, o levaram e o introduziram na casa do sumo sacerdote; e Pedro seguia-o de longe. E tendo eles acendido fogo no meio do pátio e havendo-se sentado à roda, sentou-se Pedro entre eles. Uma criada, vendo-o sentado ao lume, fixou os olhos nele e disse:

— Esse também estava com ele.

Mas Pedro o negou, dizendo:

— Mulher, não o conheço.

Daí a pouco, outro o viu, e disse:

— Tu também és um deles.

Mas Pedro disse:

— Homem, não sou.

E, tendo passado quase uma hora, outro afirmava, dizendo:

— Certamente este também estava com ele, pois é galileu.

Mas Pedro respondeu:

— Homem, não sei o que dizes.

E imediatamente estando ele ainda a falar, cantou o galo.

Virando-se o Senhor, olhou para Pedro; e Pedro lembrou-se da palavra do Senhor, como lhe havia dito: Hoje, antes que o galo cante, três vezes me negarás. E, havendo saído, chorou amargamente (Lc 22.54-62).

INTRODUÇÃO

PEDRO: UM CRENTE PESO PESADO

Não existe outro PEDRO na Bíblia... Pedro era único como Cada um de nós é ÚNICO para o Senhor

Aparece 184 vezes o nome de PEDRO na Bíblia.

1. UM HOMEM PODEROSAMENTE USADO POR DEUS

Exemplos

a. Pregou e quase 3 mil se converteram (At 2.41);

b. A sombra dele curava os enfermos (At 5.15);

c. Tinha visões de anjos e foi milagrosamente liberto das cadeias.

2. MAS PEDRO NÃO FOI SEMPRE ASSIM

ANTES ele foi duvidoso. Pedro jurou, falhou e até negou o seu mestre.

3. O QUE TROUXE ESSA TRANSFORMAÇÃO NA VIDA DE PEDRO?

Deus enviou três FOGOS na vida de Pedro. Todos sabemos que o fogo tem poder para: **purificar** (consumir), **moldar** (fabricar, forjar) e **potenciar** (dar poder, gerar energia).

4. EM 51 DIAS PEDRO FOI VISITADO POR ESSES TRÊS FOGOS

Transformando sua vida e fazendo dele o homem que Deus queria que ele se tornasse.

Deus quer que nós experimentemos esses três fogos também!

I.PRIMEIRO: O fogo que revela quem somos - Lc 22.54-62

O fogo do inimigo só revela nossas fraquezas e fracassos

O primeiro fogo revela quem nós somos. Pedro podia ter a melhor das intenções, mas ele não se conhecia e não fazia a menor ideia de como reagiria em situação de aperto.

QUEIMA NOSSA AUTOCONFIANÇA, PRESUNÇÃO

1. Pedro tinha estado no ministério de Jesus por 3 anos. Talvez ele pensasse que já sabia tudo, que havia chegado ao topo.

- Era o discípulo mais aplicado: o que mais perguntava e o sempre pronto a responder

- Era o que se destacava na liderança dos demais - o nome dele é citado sempre na frente em toda listagem dos apóstolos

- Paulo o cita ao lado de João como coluna da igreja.

2. Mas era fácil seguir a Jesus naqueles dias- a popularidade de Jesus estava em alta. Mas a situação mudou completamente com a prisão de Jesus.

3. Pedro se aquecendo junto ao fogo dos inimigos de Cristo (Jo 18.18) descobriu que não era mais popular ser discípulo de Cristo.

“Ora estavam ali os servos e os criados, que tinham feito brasas, e se aqueciam, porque fazia frio; e com eles estava Pedro, aquecendo-se também.”

4. O que faria Pedro? Marcaria sua posição firme por Cristo? Ou acovardaria e negaria seu Mestre?

5. Pedro optou por negar seu Mestre, mas em cada negação Pedro fazia uma reavaliação de suas próprias convicções.

NÃO O CONHEÇO

Pedro pensava que conhecia Jesus depois de 3, anos e meio na escola dEle, andando com Ele...

* Jesus sabia de antemão que ele o negaria, quando Pedro achava que não.

Jesus é muito mais do que as poucas informações que temos dele.

No barco, os discípulos perguntaram: ***“Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”***

Pedro devia estar se perguntando: ***“Quem é este que, tendo poder sobre a natureza, se entrega aos poderes dos homens para cumprir sua missão?”***; ***“... que veio para estabelecer um reino, mas se permite ser vilipendiado por meros servos?...”***

Aquele que vai julgar os vivos e os mortos, mas aceita ser julgado por pecadores criminosos.

NÃO SOU UM DELES

Pedro antes queria até ser o maior no Reino de Jesus. Achava que era até um dos principais membros da companhia de Jesus, mas agora descobre que NÃO ERA UM DELES. Nós só somos “um deles” pela misericórdia do Senhor

Agora, Pedro se exclui dentre os discípulos de Jesus. Tão oferecido antes e agora nem discípulo se sente digno de ser.

Prometeu seguir até a morte, mas se assentava na roda dos inimigos de Jesus.

Jesus ensinou a ser manso, mas por pouco Pedro não mata Malco...

Jesus ensinou humildade, mas Pedro queria era posição...

Não era digno de ser um deles...

NÃO SEI O QUE DIZES

Depois de frequentar o curso teológico e achar que entendia tudo, que estava pronto... agora descobre que não sabe nada... O que sabemos é

revelado pelo Espírito.

Pedro teve a resposta certa (TU ÉS O CRISTO...), e talvez pensasse que já sabia tudo.

II. SEGUNDO: FOGO QUE FORJA O OBREIRO - Jo 21.9-17

O obreiro não é forjado nos grandes congressos ou conferências... O obreiro é forjado no fogo lento, entre a bigorna e o martelo do ferreiro.

Ora, ao saltarem em terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus:

— Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes.

Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus:

— Vinde, comei.

Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor.

Chegou Jesus, tomou o pão e deu-lho, e semelhantemente o peixe.

Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressurgido dentre os mortos.

Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro:

— Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que estes?

Respondeu-lhe:

— Sim, Senhor; tu sabes que te amo.

Disse-lhe:

— Apascenta os meus cordeirinhos.

Tornou a perguntar-lhe:

— Simão, filho de Jonas, amas-me?

Respondeu-lhe:

— Sim, Senhor; tu sabes que te amo.

Disse-lhe:

— Pastoreia as minhas ovelhas.

Perguntou-lhe terceira vez:

— Simão, filho de Jonas, amas-me?

Entristeceu-se Pedro por lhe ter

perguntado pela terceira vez:

Amas-me? E respondeu-lhe:

— Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que te amo.

Disse-lhe Jesus:

— Apascenta as minhas ovelhas. -

O fogo que Jesus acende desperta em nós o AMOR de Cristo e por Cristo

A. OBEDIÊNCIA É A MAIOR PROVA DE AMOR

1. Pedro negou três vezes. Jesus lhe deu três oportunidades de dizer “eu te amo, Senhor” - Jo 21.15

2. É fácil dizer “eu te amo”, mas será que estamos dando prova desse amor?

3. Jesus disse: “Se alguém me ama, guardará os meus mandamentos” - Jo 14.15.“

A) Três Perguntas:

a) **ἀγαπάω** - AMAS mais do que estes (Gr. Οὔτοξ)

- Mais do que estes me amam?

- Mais dos que a estes?

- Mais do que estás coisas: barco, rede, pescaria?

Resp.: οἶδα - “Tu sabes” (conhecimento intelectual) que te φιλέω (amo, GOSTO)

Mandamento: “ALIMENTA **meus** CORDEIRINHOS”

b) **ἀγαπάω** - VOCÊ verdadeiramente me ama (**sem relativismo, comparado a outra pessoa**) - temos o hábito de nos contentarmos em apenas fazer um pouco mais do que as outras pessoas.

Resp.: Resposta idêntica para uma pergunta modificada. Jesus estava provocando uma reação em Pedro e quer provocar uma reação em nós hoje.

Mandamento: “APASCENTA as **minhas** OVELHAS”

c) φιλέω - Jesus usa a resposta de Pedro para confrontá-lo.

Resp.: οἶδα... "SABE (todas as coisas); γινώσκω... SABE (por experiência) que eu te φιλέω.

Mandamento: ALIMENTA as **minhas** OVELHAS (rebanho)

* Uma convincente prova de arrependimento é o esforço para reparar o dano agradando (obedecendo) a pessoa ofendida.

* Ex.: A diferença na forma de servir de crentes que nunca experimentaram a lama do pecado e os que vieram de uma vida de miséria

* Obreiros que servem por profissão versus obreiros que servem por AMOR

* Jesus conhece a ambos

* O obreiro tem que primeiro ser moldado pelo próprio Senhor Jesus, junto ao calor do fogo lento e dosado, comendo da dieta que o Mestre preparou, pão e peixe, e recebendo a instrução do Senhor. Só depois dessa experiência estamos prontos para o terceiro fogo, para sermos queimados, apoderados, cheios do Espírito Santo.

* Obreiro que não passou pelo segundo fogo não entende a importância de alimentar, apascentar e cuidar do rebanho do Senhor. Não entende sequer que o rebanho é do Senhor. Acha que o terceiro fogo é para a glória do obreiro, para alimentar-se a si mesmo.

* Um grande PREJUÍZO no ministério hoje é o obreiro se encher do terceiro fogo sem ter sido moldado pelo segundo. Torna-se uma ferramenta inútil. Um machado que não corta, uma espada que não penetra, uma seta que não atinge o alvo.

III. TERCEIRO: O FOGO DA CAPACITAÇÃO - At 2.1-4

**O fogo que o Espírito Santo acende corrige as nossas fraquezas, desperta nosso amor por Jesus e nos CAPACITA a fazer a sua obra.*

1. Capacitação para cumprir o IDE de Jesus.

Marcos 16.15. E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura.

Lucas 24.49. E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai porém, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.

***Tem muita gente querendo fazer a obra de Deus sem ter sido queimado por esses três fogos. Aí não se preocupam com o rebanho de Jesus.**

2. Pedro tinha passado por dois fogos, mas o Senhor reservou um terceiro fogo na vida dele.

Hoje já há muito pregador pregando sem ter passado pelo terceiro fogo. É, se não passou pelo terceiro, fica a dúvida se já passou mesmo pelos dois outros fogos que moldam o caráter e forjam o obreiro.

3. É importante ter caráter moldado e ter sido forjado a sós com Jesus. Mas é a experiência do **batismo com o Espírito Santo** que nos capacita a fazer a obra de Deus **na DIMENSÃO DO ESPÍRITO.**

O RESULTADO DESSE FOGO NA VIDA DE PEDRO

1. OUSADIA

Temeu diante de uma criada, mas se levantou diante de mais de 3 mil e 5 mil pessoas

Teve medo diante de criados, mas enfrenta ANÁS e CAIFÁS, os mesmos que condenaram Jesus

a. "NÃO O CONHEÇO" - Agora: ...At 2.22-25

b. "NÃO SOU UM DELES" - Agora: ...

c. "NÃO SEI O QUE DIZES" - Agora... BENEFÍCIOS DESSE

EMPODERAMENTO

O ESPÍRITO SANTO VAI:

1. AJUDAR A VIVER UMA VIDA SEM PECAR.

a. Ele vai fazer de você um “dos santificados”. Seja cheio do Espírito Santo e você não vai querer pecar.

b. O Espírito Santo vai fortalecer a sua alma. Vai lubrificar as suas rodas, soprar vento nas velas do seu barco, e convicção no seu espírito!

2. PRODUZIR UMA NOVA DINÂMICA EM NOSSA ORAÇÃO

a. “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26).

b. “...começaram a falar em noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4). Todos os apóstolos e a igreja primitiva falavam em línguas. Augustinho, 4 séculos depois, disse que eles ainda esperavam que os novos convertidos falassem em línguas com a imposição de mãos sobre eles, conforme 1 Coríntios 12 e 14. O propósito é para nos ajudar a testemunhar (At 1.8). Nós ainda não terminamos o trabalho. Ainda precisamos do Espírito Santo.

3. DAR MAIS PODER

a. Em Atos 8, quando Filipe pregou em Samaria, grandes sinais de avivamento aconteceram. “Pois que os espíritos imundos saíram de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. E havia grande alegria naquela cidade” (v. 7-8). Multidões criam e eram batizados (v. 12).

b. Muitos hoje acham que ali seriam os movimentos finais do avivamento, mas não a igreja primitiva.

c. “Atos dos Apóstolos 8.14-16. Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João. Os quais, tendo descido, oraram por eles para que

recebessem o Espírito Santo.(Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido; mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.)”.

d. Milagres de cura, libertação, salvação e batismo nas águas não são suficientes para caracterizar um avivamento. Precisamos o revestimento de poder através do Espírito Santo.


e. Não importa se você pensa que tem o suficiente do Espírito Santo; o que importa é o que Deus quer para você. Ele sabe que, se tivermos que enfrentar as perseguições que a igreja já enfrentou e vem enfrentando em outras partes do mundo, vamos precisar de todo o revestimento do Espírito Santo possível.

CONCLUSÃO

A. Ilustração

Bollywood Graham foi perguntado sobre que disciplina aplicar a um crente que foi pego embriagado... Billy Graham perguntou se toda a congregação era “cheia do Espírito Santo”. O pastor não atentou para a conexão e perguntou o por quê. Billy Graham explicou que o mesmo texto que manda não se embriagar com vinho também manda ser cheio do Espírito Santo.

Parece ser mais fácil evitar o vinho e achar que já está cumprindo a Palavra de Deus do que pagar o preço para ser cheio do Espírito Santo.



A INTERAÇÃO ENTRE OS ATUAIS OBREIROS E A NOVA GERAÇÃO: VISANDO A PREPARAÇÃO DE SUCESSORES

Pr. Eliseu Dieb Araújo

A INTERAÇÃO ENTRE OS ATUAIS OBREIROS E A NOVA GERAÇÃO: VISANDO A PREPARAÇÃO DE SUCESSORES

Uma reflexão bíblica sobre a tarefa de preparar obreiros para a obra do Senhor

Texto bíblico base: “Unja também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, como profeta em seu lugar” (1 Rs 19.16).

PARTE 1

Elias exerceu seu ministério em tempos terríveis. Após vários desafios, sentiu-se só. Recebeu da parte do Senhor encorajamento e determinação para que ungesse Eliseu, profeta em seu lugar. Iniciou-se, a partir da unção de Eliseu, maravilhosa interação entre um **velho profeta** e um **jovem profeta**.

“Ele mesmo, porém, foi para o deserto, caminhando um dia inteiro. Por fim, sentou-se debaixo de um zimbro. Sentiu vontade de morrer e orou:

— Basta, Senhor! Tira a minha vida, porque eu não sou melhor do que os meus pais” (1 Rs 19.4).

“Ele respondeu:

— Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derrubaram os teus altares e mataram os teus profetas à

espada. Só fiquei eu, e eles estão querendo tirar-me a vida.

Então o Senhor disse a Elias:

— Vá, volte ao seu caminho para o deserto de Damasco. Chegando lá, unja Hazael como rei da Síria. Unja também Jeú, filho de Ninsi, como rei de Israel e Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, como profeta em seu lugar” (1 Rs 19.14-16).

Algumas lições extraídas do texto acima:

1 – Deus deixa claro que é ele quem determinaria o momento de Elias encerrar sua jornada profética e que ainda havia muita coisa a ser realizada por meio dele (Elias);

2 – Deus diz a Elias que, antes de pensar em parar, ele deveria ungir (investir na preparação) de seu sucessor.

Após ter ungido Eliseu como profeta em seu lugar, Elias ainda enfrentou grandes desafios, o que contribuiu, e muito, na preparação do jovem profeta.

Dentre os desafios:

a) Foi se encontrar com Acabe na vinha de Nabote e disse o que sobreviria a ele e a sua casa em razão do ato que havia praticado;

“Então a palavra do Senhor veio a Elias, o tesbita, dizendo:

— Levante-se, vá encontrar-se com Acabe, rei de Israel, que mora em Samaria. Eis que ele está na vinha de Nabote, aonde foi para tomar posse dela. Fale com ele, dizendo: Assim diz o Senhor: “Você matou e, ainda por cima, tomou a herança?” Fale também o seguinte: Assim diz o Senhor: “No mesmo lugar onde os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o seu sangue — sim, o seu sangue” (1 Rs 21.17-19).

b) Resistiu ao rei Acazias, que mergulhado na idolatria, mandou que seus mensageiros consultassem Baal-Zebube, deus de Ecrom, sobre sua saúde.

“Então o Anjo do Senhor disse a Elias:

— Desça com este; não tenha medo.

Ele se levantou, desceu com ele e se apresentou ao rei. Elias disse ao rei:

— Assim diz o Senhor: “Por que você enviou mensageiros para consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? É porque não há Deus em Israel, cuja palavra se possa consultar? Portanto, da cama em que está deitado você não sairá mais. Você certamente morrerá!” (2 Rs 1.15,16).

Sobre a postura de Eliseu, vê-se claramente que ele entendeu que parte de sua capacitação para o exercício do ministério viria das experiências provenientes do serviço prestado ao profeta Elias.

E assim:

a) Atestou a coragem e a firmeza de Elias diante dos desafios enfrentados;

b) Permaneceu servindo com lealdade ao profeta Elias até sua tomada ao céu.

PARTE 2

No texto que trata do arrebatamento do profeta Elias se torna notório que havia, na época, uma escola de profetas.

“Os discípulos dos profetas que estavam em Betel saíram ao encontro de Eliseu e lhe perguntaram:

— Você sabia que hoje o Senhor levará o seu mestre, elevando-o por sobre a sua cabeça?

Ele respondeu:

— Sim, também eu já sei. Mas não digam nada” (2 Rs 2.3)

Entende-se pelas Escrituras que a escola de profetas foi idealizada e criada com intuito de “pôr a salvo” um grupo de homens para que houvesse continuidade e garantia de sucessão no ministério profético, já que o povo de Israel, após a chegada em Canaã, havia entrado em um processo de degradação espiritual. Isso porque os israelitas passaram a fazer conchavos políticos com outros povos, a casar-se com homens e mulheres estrangeiras e a adotar práticas pagãs e de idolatria das nações vizinhas.

PARTE 3

Infere-se dos textos bíblicos que havia profunda interação entre o velho profeta, que coordenava a escola de profetas, e os jovens aspirantes, o que muito contribuía para formação de sucessores.

“Os discípulos dos profetas disseram a Eliseu:

— Eis que o lugar em que moramos com você é pequeno demais para nós. Vamos até o Jordão, tomemos de lá cada um de nós uma viga e construamos

um lugar para morar.

Ele respondeu:

— Vão.

Mas um deles disse:

— Tenha a bondade de ir com estes seus servos.

Eliseu disse:

— Eu irei. E foi com eles. Quando chegaram ao Jordão, cortaram madeira. Aconteceu que, enquanto um deles derrubava um tronco, o machado caiu na água.

Ele gritou:

— Ai! Meu senhor! O machado era emprestado.

O homem de Deus perguntou:

— Onde caiu?

Ele mostrou-lhe o lugar. Então

Eliseu cortou um galho, jogou-o na água naquele lugar, e fez o ferro flutuar. Então disse:

— Pegue-o. O homem estendeu a mão e o pegou” (2 Rs 6.1-7).

Israel, houvesse pessoas dispostas a com coragem se opor à corrupção, à idolatria e a falar a verdade, cumprindo com lealdade o ministério para o qual foram chamadas.

A escola de profetas mostrou-se exitosa, na medida em que os alunos demonstraram:

- a) Ter visão expansionista;
- b) Ter consciência de que seus projetos deviam ser submetidos ao homem de Deus;
- c) Entender que o trabalho coletivo é menos desgastante e mais eficiente.

Compreendendo o trabalhar de Deus na vida dos jovens profetas, o profeta Eliseu:

- a) Apoiou o projeto;
- b) Se propôs a ir com eles até o Jordão;
- c) Compreendeu a fragilidade característica de iniciantes e prestou auxílio nos momentos de dificuldade.

CONCLUSÃO

A interação entre os velhos e os jovens profetas fez com que, nos tempos mais difíceis da história de

www.adjundiai.org.br



Assembleia de

DEUS

JUNDIAÍ • SP

www.adjundiai.org.br